

NOVOS CONTEXTOS EMERGENTES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA REFLEXÃO SOBRE FORMAÇÃO DOCENTE

Warley Carlos de Souza¹
Egeslaine de Nez²

Resumo: A história recente da sociedade mundial revela a necessidade de apropriação por parte dos mais jovens dos conhecimentos produzidos pela humanidade, deste modo, a figura do formador foi estruturada socialmente. A cada variação histórica se fez necessário uma mudança na formação desse sujeito produzido por essa nova articulação, o que objetivou a transformação da educação numa ação política, assim, a demonstração de erudição passa a sinalizar organização social. Nessa direção, a educação passa a representar a capacidade do sujeito de criar e recriar sua existência no mundo. Diante disso, a formação de professores passa a ser alvo de grandes embates políticos e sociais, ou seja, de interpretação da realidade, obviamente da interpretação do papel da educação primeiro sobre o sujeito, segundo sobre a sociedade. A formação desse professor que conhece fundamentalmente a cultura que o cerca, foi pensada num espaço chamado universidade. Ao longo dos anos, passa a ser mais focada, no tema e no objeto, e passa-se socialmente a formar professores que apresentam dificuldades em fazer relações entre os diversos tipos de conhecimento que permeiam a sociedade. Com esta justificativa e necessidade, este estudo tem como objetivo discutir a formação docente num contexto emergente que é a pós-modernidade. A flexibilidade tornou-se palavra de ordem na universidade, que é o espaço de formação do formador.

Palavras-chave: Educação Superior. Formação Docente. Pós-modernidade.

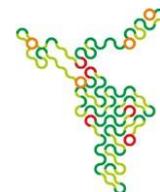
Novos contextos, novas realidades ...

A formação humana se pode dizer que sempre foi uma preocupação em outros tempos, era preciso formar para caçar para fazer parte de uma casta. Foi preciso formar para ser mulher de fato, pertencente a uma casta, a uma família efetivamente. Era preciso formar para entender como se realizava o plantio, a colheita, para compreender o funcionamento, primeiro da família, depois da tribo, e, por fim, das cidades. Por muito tempo, a formação dos mais jovens se dava pela aproximação dos mais velhos, era uma educação que se pode chamar de educação de ouvido, isto é, a capacidade de escutar insere os mais jovens num mundo socialmente constituído.

A palavra formação assume vários sentidos, para Souza (2008) pode-se formar o caráter, a personalidade, podem-se formar seres humanos conhecedores da cultura que os cerca, em suma, todas

¹ Doutor em Educação. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA), Pontal do Araguaia/MT.

² Doutora em Educação. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA), Pontal do Araguaia/MT.



as possibilidades apontam na direção que ninguém se forma sozinho. Isto significa que a formação é complemento da relação com o outro, independentemente que seja ele mais velho ou na figura de um ser socialmente constituído para formar, os professores.

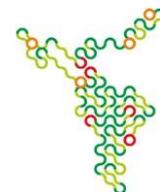
A história recente da sociedade mundial revela a necessidade de apropriação por parte dos jovens de tudo que foi produzido pela humanidade, assim, a figura do formador foi estruturada socialmente. Objetivamente tal processo histórico remete a uma pergunta que parece retórica, que de fato não é: quem forma o formador?

Num primeiro momento, a formação se deu por meio da experiência, assim, os mais velhos eram os grandes responsáveis pela formação. Com a generalização da escola os manuais pedagógicos, ou seja, os especialistas de diferentes áreas do conhecimento elaboraram seus estudos, suas verdades e substituíram a relação pessoal. Após a generalização da escola e a necessidade de se lutar contra a natureza humana, se pode indicar que a vida coletiva necessita de um mínimo de condições. Foi preciso formar essa capacidade coletiva, tirando do sujeito esse estado de rudeza.

A cada transformação histórica se fez necessário uma mudança na formação desse novo sujeito produzido por essa sociedade diferenciada, o que objetivou a transformação da educação numa ação política, assim, a demonstração de erudição passa a demonstrar organização social. Nessa direção, a educação passa a representar a capacidade do sujeito de criar e recriar sua existência no mundo. E a formação de professores passa a ser alvo de grandes embates políticos, ou seja, de interpretação da realidade, obviamente da interpretação do papel da educação, primeiro sobre o sujeito, e, depois, sobre a sociedade.

Diante das mudanças sociais definiu-se que a figura do professor antes de tudo deve oferecer a capacidade de interpretação dos fatos, podem ser da natureza, das humanidades ou da exatidão da mesma. Isto porque só se pode ser formado por um sujeito que possui conceitos morais que representam a sociedade que o cerca, com isso sendo amalgamado ao conhecimento técnico daquilo que se pretende ensinar.

Assim, a formação desse professor que conhece fundamentalmente a cultura que o cerca, foi pensada num espaço chamado universidade, academia, ou seja, um local destinado ao convívio dos doutores, que em tradução livre, significa aquele que tudo sabe. No entanto, esses doutores devem apresentar o mundo, de maneira ordeira, disciplinada e organizada. Posto isso, ser professor



universitário representa socialmente o símbolo máximo da erudição, e, a universidade o espaço em que ela acontece.

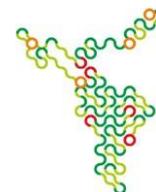
Neste contexto, encontram-se as instituições de educação superior brasileiras, enraizada nas relações com o contexto sócio-econômico que são atravessadas por tensões e paradoxos. São dinâmicas e se transformam com as mudanças que ocorrem na sociedade. Enfim, há uma premissa em evidência de que são *locus* privilegiado para o acesso à cultura e a ciência.

Para se chegar à universidade espera-se o mínimo de erudição. É preciso conhecer as Ciências da Natureza, da Sociedade e da Matemática, pois, os doutores possuem uma erudição acima da média social. Processo esse vigora na humanidade quando os elementos da Revolução Francesa tomam corpo no mundo ocidental. A liberdade, a fraternidade, a igualdade seriam elementos fundamentais para a vida em sociedade, o uso da razão. Ainda, a vida em sociedade é feita de escolhas, essas passariam a ser realizada por meio do conhecimento científico (erudição) que deveria ser aprendido na escola (SOUZA, 2008).

Tal estruturação se configura na sociedade ocidental até quando outra configuração social se apresenta, sem o desejo de precisar datas, a sociedade passa a tratar o cérebro humano como um *hard disk* (HD), como um local onde se guarda informações de forma infinita. Esse processo ocasionou uma mudança significativa na formação dos doutores, pois, o tempo de formação se tornou mais rápido. A formação passa a ser mais focada, no tema e no objeto, assim passa-se socialmente a formar professores que apresentam dificuldades em fazer relações entre os diversos tipos de conhecimento que permeiam a sociedade.

Por outro lado, a fluidez que marca esse momento histórico (BAUMAN, 1998), substitui a figura do intelectual que domina de forma radical os conhecimentos, isso é perceptível na estruturação dos livros, ou seja, existem pouquíssimos pesquisadores ou estudiosos que produzam uma obra com 300 páginas. Encontram-se atualmente coletâneas, livros com diversos autores com diferentes temáticas, assim, a divulgação da ciência se apresenta como um grande *self service*.

Para Tardiff e Lesard (2011) os saberes docentes devem ser permanentemente atualizados, para que atendam às necessidades educacionais e formativas dos acadêmicos da Educação Superior. Todavia, essa nova ordem de saberes como fronteiras porosas, permeáveis, flexíveis, mutáveis imputados por uma sociedade pós-moderna, gera certas dificuldades na execução da função social da universidade, não atendendo ao seu objetivo principal.



O conhecimento sólido foi substituído pela informação¹ efêmera, assemelhando a uma campanha de *marketing*, ou seja, para uma marca se sobressair outra precisa acabar. Como sinal desse momento, o futuro se torna presente, o que remete a uma angústia fundamental da existência humana, pois, da ideia que tudo já foi discutido e pensado antes, vive-se num presentismo nunca antes visto. Tal angústia remete a necessidade de buscar conhecimento² o mais rápido possível, pois o mesmo vai se autodestruir muito rápido e o mesmo não será mais acessível e útil.

Identifica-se nitidamente, que em tempos de mundialização, reforça-se que o conhecimento, produzido nas pesquisas acadêmicas, assume papel relevante na sociedade do conhecimento. Dias Sobrinho (2010) comenta que “O fato indiscutível é que a educação superior, com todos os seus problemas, ocupa um lugar central no desenvolvimento cultural e econômico da vida contemporânea” (p. 44). Assim, é, ao mesmo tempo, fundamental para o desenvolvimento social e econômico, mas, paradoxalmente, vítima de descrédito. Ainda que seja a principal instituição de produção e socialização do conhecimento, a universidade está hoje ameaçada em sua natureza.

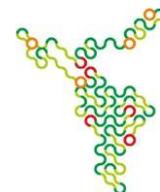
Neste sentido, o erudito “carrancudo” professor universitário foi substituído pelo jovem “alegre” leitor de artigos encontrados no mundo virtual. Flexibilidade tornou-se palavra de ordem na universidade, esse processo sugere a “liturgia da aula”, o erudito apresentava uma atividade diária com começo, meio e fim. Já, o alegre leitor de artigos não apresenta uma liturgia, um caminho a ser seguido pelos acadêmicos, ao contrário, são eles que devem construir suas propostas.

Essa mudança é sentida no processo avaliativo, onde sai de cena uma semana avaliativa e migra-se para uma avaliação contínua, processual; e, as notas foram trocadas por conceitos, quando os alunos que estão sendo avaliados descobrem onde necessitam melhorar. A falta de liturgia alcança todos os espaços de existência da universidade.

Com esse olhar, a universidade se transformou em um centro de produção e ensino de ciência, assim, os neófitos precisam passar pela universidade para aprender a fazer ciência, bem como, disseminá-la. Diante disso, a massificação da educação, objetivou que todos pudessem por meio do

¹ A informação é o ato ou efeito de informar, é um esclarecimento sobre os méritos ou estado de alguém ou algo. Segundo Lima e Contel (2011) é a transmissão de uma significação, por meio de uma mensagem e com base em um suporte espaço-temporal (impresso, sonoro, por telefone, ou outros meios).

² Conhecimento é o ato de tomar consciência de determinado fato, apropriar-se intelectualmente de ideias. Squirra (2005) expõe que pode ser compreendido como a “familiaridade ou estado de consciência que se obtém com a experiência de estudar determinado fato” (p. 257).



aprendizado de como fazer e disseminar pesquisas que pudessem estar ao alcance de todos. A racionalidade científica seria a base de todas as decisões em sociedade.

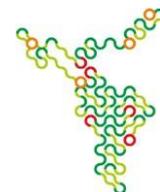
Esse conhecimento seria uma moeda de troca no cenário mundial. Hoje, é amplamente reconhecido como o principal insumo da economia, segundo Lima e Contel (2011), no capitalismo, ganha importância por ser reconhecido como a principal força produtiva. O conhecimento é marca dos tempos atuais, determinando novos padrões de organização social e econômica e produzindo riqueza. Há, pois, um caráter estratégico do conhecimento.

Em contrapartida, a formação de professores deve ser baseada numa perspectiva epistemológica que dê conta de melhor compreender a complexidade da existência humana. Deste modo, o mundo passa a ser dividido entre os que dominam a ciência, usam a racionalidade para realizar suas escolhas e, os outros que permanecem em seu estado “bruto” que desconhecem os meandros da ciência.

Nesse caso, a formação de professores passa a ter sua precedência no entendimento epistemológico de interpretação da realidade, assim, é efetivamente ser um cientista, e, como tal precisa seguir a normas epistemológicas de produção de ciência. Ser professor é possuir capacidade erudita de ler o mundo, ou seja, para produzir verdade sobre educação se faz alicerçado de uma leitura específica da realidade. Esse movimento objetiva que o papel do professor deve ser mediado por uma leitura de mundo para fazer com que seus alunos possam compreender, ser e estar no mundo, sob a égide da pesquisa.

Conceitualmente, “A ciência é actualmente entendida como um produto humano e o conhecimento científico como construído através de processos sociais, tratando-se claramente de um facto histórico, contingente e cultural” (OGBORN *apud* CANAVARRO, 1999). Diante desse conceito, a escola é um espaço fundamental de produção de ciência (pesquisa), todavia, somente os estudiosos que habitam outro lugar (a universidade) que vão aos espaços escolares fazer pesquisa.

Alves (1996) esclarece que: “[...] a investigação em todos os domínios da ciência e da cultura são os objetivos primeiros, os postulados da Universidade no mundo contemporâneo” (p. 55). Assim, a formação inicial dos professores tinha como propósito primordial a constituição de uma hierarquia, ou seja, que o professor graduado que atua na Educação Básica não tem condições de construir conhecimento, os “ídolos/donos” do conhecimento que habitam as universidades é que podem ir a escola dizer como ser realizada.



Entretanto, Canavarro (1999) afirma que a escola tem um papel fundamental enquanto entidade socializadora de ciência, contribuindo para a formação de uma mentalidade problematizadora, de uma atitude crítica e do espírito científico. Em primeiro lugar, porque é temporária; em segundo lugar, porque facilmente se descontextualiza; e, em último lugar porque não é exclusiva na vida social do indivíduo.

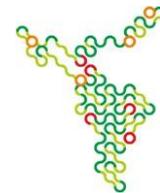
As diversas artimanhas do paradigma positivista que sustentavam a tese que a formação de professores se faz amalgamada pelo conhecimento técnico impulsionou a formação dos formadores que tem sua primazia na experiência (MATOS, 2006). Neste sentido, o bom professor é aquele que possui uma larga experiência, não obstante, o tempo no magistério determina a qualidade das ações praticadas pelos docentes.

Nesse paradigma, ser professor é reproduzir ensinamentos de seus mestres que por sua vez, reproduziam o que aprendiam na leitura frenética de seus autores favoritos. Assim, o ato de educar se assemelha a religião, ou seja, se ensina somente aquilo que se acredita. Tal formação permite aos professores formados pelos “ídolos” apenas realizar inferências, ou seja, uma generalização universal e lógica, a acumulação dessas generalizações que são transformadas em teorias, em geral, caminham na direção de construção de grandes preconceitos no interior da escola e por que não da universidade e da sociedade.

Diante do exposto, uma “nova” concepção de ciência e de formação de professores foi gestada, proposta essa que defende o fim das barreiras conceituais, ou seja, do pertencimento as ciências físicas ou sociais, que podem utilizar os conceitos de diferentes áreas. Assim, conceitos físicos podem ser usados nas pesquisas em educação e o contrário também se aplica.

Embora objetivamente ocorra a produção do conhecimento na escola, a mesmo se processa de maneira frágil, pois a não observância dos critérios epistemológicos para produção do conhecimento (problematização, registro, hipóteses, entre outros fatores), arremessa a escola, bem como, a universidade a viver de palavras de ordem de *slogans*, que não são aprofundados do ponto de vista conceitual. Os espaços de formação (escola e universidade) passam a sobreviver desses *slogans* e campanhas de *marketing*, entre eles destacam-se os termos: avaliação processual e contínua, professor pesquisador, que se transformaram em vírus nos meios educacionais.

Nesse momento, remonta-se a ideia do cérebro ser tratado como um HD de um computador, quando esta cheio, pode ser formatado, o que potencializa a função cerebral. Portanto, a aprendizagem



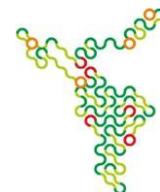
aprofundada e conceitual foi substituída pela aprendizagem instrumental, ou seja, se aprende o que é necessário, como se a epistemologia tivesse chegado ao seu fim, que o conhecimento produzido pela humanidade estivesse em uma caixa que eu acesso quando necessário, e, depois, delete. Ascott (1997) reforça essa característica: “Temos que deixar para trás as velhas posições, as rígidas dicotomias de direita e esquerda na política, oriental e ocidental na cultura, certo e errado na moral, preto e branco na raça, e buscar uma configuração mais sutil dos pontos de vista sobre nossos problemas” (p. 337). E ainda destaca:

A cultura telemática diz respeito á conectividade global das pessoas, dos lugares, mas, acima de tudo, da mente. A internet é a infraestrutura crua de uma consciência emergente, um cérebro global. A net reforça o pensamento associativo, hipermediado, pensamento hiperlinkado – o pensamento do artista. É a inteligência em redes neurais. Isto é o que chamo de hipercortex (p. 337).

Esse córtex ampliado possui uma capacidade restrita de reter dados, assim, precisa constantemente ser formatado, para evitar esse processo contínuo se buscam fontes de “conhecimento” que sejam rápidas (ASCOTT, 1997). Em função disso, têm-se duas grandes consequências para a universidade, o leitor compulsivo de livros se transformou em consumidor ávido de artigos, não precisando mais verticalizar-se num determinado assunto, pode conhecer cada vez mais de tudo e se esvaziando do ponto de vista epistemológico. Para a universidade, o efeito é o não conhecimento das estruturas epistemológicas de produção de conhecimento, o que objetiva uma imensa confusão das teorias, decretando definitivamente o fim da epistemologia.

Nessa perspectiva, os professores não sabem muito bem o que ensinar, acabam ensinando de tudo e objetivamente nada, isso transforma os alunos em “zumbis”, o que deixa esse espaço desmotivante para grande maioria deles. Amalgamado a isso, o grande dilema de ter sido pensada para um público, mas, ser ocupada por outro extremamente diferente,

Infelizmente, a tarefa de professor consiste em neutralizar, eliminar ou distrair os estudantes das diferenças entre o que o currículo “diz” e o que o estudante “pega” – ou compreende - e os voláteis acontecimentos que se passam naquele espaço. Não obstante, na medida em que as relações de sala de aula são moldadas pelos antagonismos sociais e econômicos mais amplos bem como definidos pelas relações de gênero, raça, os educadores não podem cerrar o espaço da diferença entre endereçamento e resposta. Eles jamais podem impedir o medo, a fantasia, o desejo, o prazer e o horror que fervilham no espaço social e histórico entre endereçamento e resposta, currículo e estudante (ELLSWORTH, 2001, p. 49 – grifos do autor).



Essa tarefa torna os espaços formativos vazios em conteúdo, o que por sua vez esvazia os professores em sua formação e atuação. Assim, se pode dizer que a escola passa a civilizar ao invés de educar. Dessa forma, ao contrário de se aprender ciência e sua relação com a vida, se ensina a escovar os dentes, a lavar as mãos, e, nesse sentido, outros profissionais passam a co-existir no ambiente escolar, como psicólogos, dentistas, médicos e assistentes sociais.

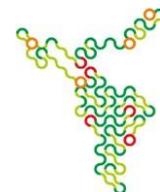
Tal processo elimina a liturgia do contexto escolar, a sequência lógica da aula, começo, meio e fim, assim, o processo epistemológico da produção de conhecimento se perde, consequentemente a aprendizagem é reduzida a memorização. Isso muda definitivamente a qualificação e atuação do professor, sucumbindo o carrancudo que punia com provas e trabalhos, substituído pelo professor gente boa, que fala com os alunos por meio das redes sociais.

A tradição escolar foi substituída, pela adaptação sem fim, para ilustrar isso, recorre-se ao conto de um artista da forma Franz Kafka. Em 1988, as pessoas iam ao circo para ver a capacidade de suportar as adversidades vividas pelo jejuador, que ao jejuar demonstra sua disciplina e resiliência ao passar dias na mesma posição, com pouco alimento e água, um sujeito ultradisciplinado. Num dado momento, a tradição do jejuador foi substituída por um animal que tinha necessidade diminuta de comida e água, com imensa capacidade de se adaptar as novas demandas ao invés de passar fome e sofrer na frente do público.

Essa dificuldade de adaptação abre espaço para que outras áreas do conhecimento consigam encontrar sustentabilidade de seus discursos no interior da formação inicial e continuada de professores. Como situação exemplificadora, destaca-se que a Medicina e a Psicologia são modelos, em função do discurso que se fundamenta na construção de transtornos e doenças para os alunos e os professores devem se adaptar a essa nova realidade em constante mudança.

Vale ressaltar que a reordenação do capitalismo, mudou significativamente a importância da formação acadêmica tanto inicial como continuada. A venda da força de trabalho baseada na estrutura muscular se altera para venda de ideias, observando a estreita relação que a formação acadêmica tem com o mundo do trabalho. Tal mudança objetivou na escola básica a criação de disciplinas como empreendedorismo, para auxiliar as crianças na construção de ideias a serem comercializadas, entre outras possibilidades.

Todavia, no contexto de formação universitária, sobretudo nos cursos de formação de professores, apareceram dois caminhos que foram seguidos. O primeiro deles, nas grandes



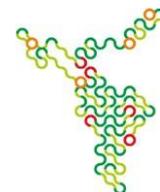
universidades espalhadas pelo mundo, ocorreu a criação de especificações de cursos na mesma instituição, a saber: Pedagogia com ênfase em Neuropedagogia, Pedagogia Hospitalar, Pedagogia Clínica, essas por sua vez ampliaram o espectro de atuação junto ao mercado.

Por outro lado, as universidades pequenas, se voltaram para dar uma formação ultradisciplinar aos seus acadêmicos, que garantirá a esse professor que consiga ao menos uma colocação no mundo do trabalho, uma vez que não possuirá ideias para vender. Diante disso haveriam duas categorias de professores, aqueles com capacidades de gerir ideias para serem vendidas e outros com capacidades para administrar a nova geração de “trabalhadores braçais”.

Isso evidencia um estado de fluidez assustador nos conhecimentos que são tratados no interior dos cursos de formação de professores, pois, todas as mudanças das relações de trabalho alteram significativamente as relações de qualificação docente. Embora se possa afirmar que essa relação foi preponderante entre mercado de trabalho e universidade. Mas, anteriormente as mudanças ocorriam ao longo de um tempo histórico maior e de forma gradativa, na atualidade essas alterações ocorrem muito mais rápido, deixando o conhecimento produzido pela universidade obsoleto com uma velocidade maior. Nas palavras de Postman (2002): “As escolas, poderíamos dizer, são espelhos do credo social, devolvendo o que os cidadãos põem diante dela. Mas não estão fixadas numa posição única. Podem ser movidas para cima, para baixo e para os lados, de modo que em diversas ocasiões e em diversos locais refletirão uma coisa e não outra” (p. 62).

Diante disso, emerge o novo deus da sociedade, a tecnologia, essa por sua vez, tomou corpo em todos os espaços sociais, o que objetivou a troca do palpável pela sensação, o que importa agora não é mais o acúmulo de conhecimento, mas sim a sensação de tê-lo. A profundidade epistemológica foi substituída pela sensação de saber, que só pode ser oferecido pela leitura compulsiva de artigos e buscas incansáveis na internet, onde a busca pelo conhecimento tecnológico passa a ser a tônica dessa nova escola. Esse movimento a enfraquece substancialmente, pois, aprender línguas vernáculas, Matemática, História e Geografia perde espaço para aprender novos *links* para outro tipo de informação, assim:

A ideia motriz é emprego bem remunerado e o propósito da escolaridade é preparar as crianças para o ingresso competente na vida econômica de uma comunidade. Segue-se daí em qualquer atividade escolar não destinada a promover esse fim é vista como um ornamento ou penduricalho ridículo, isto é, um desperdício de tempo precioso (POSTMAN, 2002, p. 34).



É necessário reconhecer que o conhecimento é importante matéria-prima das riquezas, uma condição *sine qua non* para o desenvolvimento. Isto seria suficiente para compreender a importância da Educação Superior na sociedade. A evidência está no papel histórico que as universidades têm no desenvolvimento dos países e no fortalecimento da economia. Robertson (2009) explicita que em muitas partes do mundo, a Educação Superior é vista como um “motor” para o desenvolvimento da economia baseada no conhecimento; por isso suas políticas e práticas são cooptadas e dimensionadas por interesses políticos e econômicos geoestratégicos mais amplos.

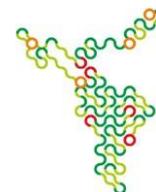
Esse movimento objetiva a privatização da escola, pois, o ideário escolar pressupõe que todo conhecimento deve ser produzido e consumido coletivamente, deixa de ser assim produzido para estar presente nos *tablets*, computadores e celulares acessíveis na rede de *internet*. Assim sendo, a divisão base social do conhecimento foi substituída pela compulsão não mais pelo conhecimento, mas sim, também pela individualidade.

Considerações finais

Os diversos reordenamentos do capitalismo construíram novas formas de sentir, pensar e agir na educação, as trocas de características da formação inicial do professor, a própria formação dos professores que formam esses professores foram alteradas. A tradição foi substituída pela fluidez da serpente, que esta em todos os espaços, a profundidade epistemológica cedeu lugar a superficialidade dos artigos, pela busca aos sites de “pesquisa” presentes na internet.

Sem a pretensão de construir um tratado de virtudes para a educação, apresenta-se a seguir algumas reflexões sobre as propostas emergentes de formação professores. A superficialidade dos artigos teria que ser substituída pela profundidade epistemológica, assim, não basta produzir ciência no contexto escolar, mas para, além disso, é fundamental encontrar meios de divulgação e socialização do conhecimento produzido.

Nesse caminho a formação de professores tanto a inicial como a continuada deve dar condições para que esse profissional tenha possibilidades de pensar a prática, ou seja, que possa avaliar o processo, o que objetiva sumariamente que as formações dos professores possam estar balizadas por uma estrutura epistemológica clara e coesa. Assim, é preciso superar os ideias capitalistas e distanciar da ideia de que o mundo esta equivocado em função de noções errôneas que



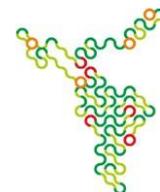
permeiam a população em geral. Com os professores não seria diferente, se assim o for, bastaria na educação disseminar as ideias “corretas” para corrigir as distorções sociais.

É imperativo o distanciamento da experiência como elemento basilar da formação de professores, pois, esse tipo de conhecimento é pessoal e intransferível, amalgamando a isso se pode mencionar que essa posição desvaloriza o conhecimento científico, produzido por meio de uma epistemologia, portanto, o cotidiano passa a ser o único elemento de produção de conhecimento. O conhecimento cotidiano hipervalorizado, remete ao fim do professor como mediador dos bens sócio-culturais produzidos pela humanidade, fazendo com que esse profissional passe apenas a organizar acordos com os alunos para que os mesmos possam aprender a aprender. A esse respeito Facci (2004) realiza afirmações pertinentes, quando expõe que as pedagogias construtivistas e a teoria do professor reflexivo levam a uma descaracterização do trabalho docente, ainda que os defensores dessa pedagogia afirmem o contrário. Boa parte das pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre essa temática, em vez de analisar criticamente o impacto das pedagogias do aprender a aprender na formação e trabalho desse profissional, acaba por neutralizar a alienação.

Diante dessa tônica, faz-se necessário repensar o pragmatismo que o conhecimento produzido pelo cotidiano oferece, pois ao eleger-se esse tipo de conhecimento a ser apresentado nas escolas, o pensamento não ultrapassaria o próprio cotidiano que arremessa para palavras de ordem que não são aprofundadas do ponto de vista conceitual, a superficialidade é o limite.

Em termos pedagógicos, é basilar gerar espaços no interior da universidade para socialização das práticas pedagógicas dos professores que estão na escola, mas não apenas para falas aleatórias (desabafos), mas que esses espaços sejam para auxiliar o professor a compreender a produção do conhecimento do ponto de vista epistemológico. Que não se tornem apenas rodas de conversas, mas, para além disso, que os professores da universidade compreendam que a forma de produção de conhecimento da escola se dá de maneira diferente.

Por outro lado, também é imprescindível que o professor que atua na escola, auxiliado pelos professores da universidade, possam compreender como produzir conhecimento válido, ou seja, que possam dominar um método de pesquisa. Juntamente a isso, é necessário gerar espaços de difusão dos diferentes tipos e categorias de conhecimentos que são produzidos no interior das unidades escolares, esses espaços podem ser por meio de mídias eletrônicas, revistas impressas, boletins, que possam ser divulgadas as pesquisas, projetos, atividades e ações desenvolvidas. Nessa direção,



fundamental seria que escolas da mesma região possam receber formação em bloco em um espaço comum, para que as semelhanças e dissonâncias de atuação possam ser debatidas entre os pares.

Referências

- ALVES, N. **Formação de professores: pensar e fazer**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- ASCOTT, R. Cultivando o hipercórtex, in: **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo, Unesp, 1997.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CANAVARRO, J. M. **Ciência e sociedade**. Coimbra: Quarteto, 1999.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico da teoria do professor reflexivo do construtivismo e da psicologia vigotiskiana. Campinas: Autores Associados, 2004.
- MATOS, O. **Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.
- ROBERTSON, S. L. O processo de Bolonha da Europa torna-se global: modelo, mercado, mobilidade, força intelectual ou estratégia para construção do Estado? **Revista brasileira de educação**. v. 14, n. 42. set./dez. 2009.
- SOUZA, W. C. Formação de professores: esvaziamento de uma prática ou uma prática esvaziada. **Educação e mudança**. Anápolis, n. 17/18, 2008.
- SQUIRRA, S. Sociedade do conhecimento. MELO, J. M. M.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2005.
- LIMA, M. C.; CONTEL, F. B. **Internacionalização da educação superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. São Paulo: Alameda, 2011.
- POSTMAN, N. **O fim da educação: redefinindo o valor da escol**. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.
- TARDIFF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2011.